

MEMÓRIA

Morre Balila Palmeira, escritora e pedagoga

Autora era presidente emérita da Academia Feminina de Letras e Artes

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Faleceu na manhã de ontem a poetisa e fundadora da Academia Feminina de Letras e Artes (Aflap), Maria Balila Palmeira. Nascida em 13 de março de 1926, em Patos, no Sertão da Paraíba, Balila Palmeira era pedagoga e escritora, tendo construído uma trajetória de atividades acadêmicas, publicações literárias e ações em prol da cultura paraibana.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Balila buscou também aprimoramento em áreas diversas. Na UFPB, lecionou Sociologia da Educação e também foi professora de Língua Espanhola em instituições como o Senac.

Em maio de 2004, fundou a Aflap, da qual foi presidente e era presidente emérita. Também participou de organizações como a Academia Paraibana de Poesia, o Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica e a União Brasileira de Escritores.

Como escritora, Balila publicou obras em diversos gêneros, abordando poesia, genealogia, biografia e ensaio. Entre suas publicações, estão *Devaneios* (1982), *Infinito e Poesia* (1987) e *Misticismo e Canção em Pedra Bonita* (1988), uma análise sobre a obra de José Lins do Rego. Também explorou aspectos culturais da Pa-



Foto: Arquivo A União

Balila escreveu livros em diversos gêneros

raíba em livros como *Os Teatros da Paraíba* (1999) e *Bairro do Miramar* (1997), escrito em parceria com sua filha, a jornalista Messina Palmeira Dias, que, abalada, preferiu não dar uma declaração, dizendo apenas estar muito triste com a perda da mãe.

O escritor e jornalista Evandro da Nóbrega lamentou o ocorrido: “E lá se

vai a grande amiga Balila, conterrânea das Espinharas/Seridó/Sabuji e, entre outras coisas, confreira do IHGP [Instituto histórico e Geográfico Paraibano]. Uma cronista hiperbondosa que vivia mais para os outros que para si mesma. Pêsames à colega Messina, a Ricardo Palmeira, demais familiares, amigos e admiradores”, comentou.

Já o escritor Jozé Bezerra Filho, destacando o contato maior que teve com Balila por meio dos livros, reiterou uma enorme perda para as letras paraibanas. “É uma perda grande para nós que vemos apagar mais uma estrela no céu da literatura paraibana”, declarou.

“Balila Palmeira criou a Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba e foi bem atuante nos primeiros anos. Gostava de convidar escritores para dar palestras em diferentes locais”, conta a escritora Neide Medeiros. “Lembro-me bem de Ângela Bezerra proferindo palestra sobre o Dia da Mulher no Tambaú Grill e Ana Coutinho na APL sobre mulheres escritoras do início do século 20 na Paraíba, iniciativas da presidente Balila Palmeira”.

Entre as homenagens recebidas por Balila Palmeira, estão o título de Cidadã Pessoaense, o Troféu Bivar Pinto e a Comenda do Mérito Cultural José Maria dos Santos, conferida pelo IHGP, do qual foi membro desde 1992.

LITERATURA

Autor estreia reunindo 36 anos de poesia

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Cartapácio é o mesmo que calhamaço, ou seja, um volume que reúne grande quantidade de páginas. Assim se mostra o livro de estreia de Ronieri Leite Soares, *Cartapácio Mnemônico de Instâncias Poéticas* (Editora IHCG, 430 páginas), a ser lançado hoje, às 19h30, no Auditório do Instituto Histórico de Campina Grande, no Centro de Campina Grande. A obra é uma seleta de poesia em variados formatos e gêneros, tais como poesia visual, cordéis, sonetos e hinários, refletindo uma trajetória de 36 anos (de 1988 a 2024) de produção artística do autor.

A ideia de reunir os textos surgiu ao completar 50 anos, como forma de consolidar uma vida dedicada à escrita. “Eu observava que tinha muita produção e, embora tivesse publicado 13 cordéis, ainda não tinha nenhum livro. Então

decidi buscar no fundo do baú textos da adolescência, de quando comecei, aos 15 anos ou até antes, para montar essa obra”, explica Ronieri.

A coletânea reflete um percurso literário diversificado, transitando entre o erudito e o popular. “Fiz a junção de textos criados sob influência de Augusto dos Anjos, com uma linguagem mais erudita, e outros inspirados na cultura nordestina, como as estrofes de oitavas e quadras. Também organizei os cordéis na ordem em que foram publicados desde 2001”, detalha.

O autor destaca que as chamadas instâncias constantes no título do livro traduzem muito bem a proposta. “As instâncias correspondem a momentos específicos da minha vida como poeta. São capítulos que mostram os diferentes estilos que experimentei ao longo do tempo. Já o termo ‘mnemônico’ remete à memória, enquanto ‘cartapá-

cio’ simboliza o volume e a densidade do conteúdo reunido”, explica.

Além da poesia escrita, Ronieri inclui composições musicais, como hinos que criou ao longo da carreira. Entre eles, destaca o hino para o sesquicentenário de Campina Grande, escrito há 10 anos, cuja letra permanece atemporal. Outro aspecto marcante do livro é a presença da poesia visual, que reflete sua formação como *designer* e *desenhista industrial*. “Desde cedo eu já fazia caricaturas e desenhos em sala de aula. Esse lado visual se integrou

à minha produção poética, como nos casos em que combino ilustrações e versos”, conta o autor.

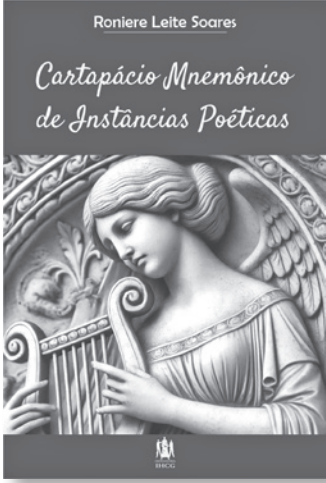


Foto: Divulgação

Livro será lançado no IHCG

CARTAPÁCIO MNEMÔNICO DE INSTÂNCIAS POÉTICAS

- De Roniere Leite Soares.
- Editora: Centro Editorial IHCH.
- Lançamento hoje, às 19h30.
- No Instituto Histórico de Campina Grande (R.Maciel Pinheiro, 89, Centro, Campina Grande).
- Entrada franca.

Vitrine cultural

Foto: Divulgação/Vitrine



Filmes brasileiros são selecionados para Berlim

A Natureza das Coisas Invisíveis (foto), de Rafaela Camelo, e *Ato Noturno*, de Marcio Reolon e Filipe Matzembacher, são filmes brasileiros selecionados para o Festival de Berlim, de 13 a 23 de fevereiro de 2025. O primeiro estará na mostra Generation, para produções infantojuvenis; o segundo, na Panorama.

Livro de turnê de Taylor Swift vende mais de um milhão de cópias

A cantora Taylor Swift alcançou mais um marco em sua carreira, ao vender um milhão de cópias de seu novo livro em apenas uma semana. *Taylor Swift – The Eras Tour Book* explora os bastidores da turnê que rodou o mundo entre março de 2023 e o último dia 8. O volume de 256 páginas reúne mais de 500 fotografias.

Crônica Em destaque

Luiz Augusto de Paiva
guthov@gmail.com

As belas e as feras

Cá entre nós, eu, que, nem de longe, sou um exemplo de beleza masculina, não deveria ter a ousadia de discorrer sobre a presente temática. E do que se trata? Vou contar: mulher bonita que se casou com um homem feio. Feio? Meus amigos e amigas, botem feio nisso.

Fui buscar exemplos bem longe daqui; muitos já foram falar com Deus e alguns deles estão quase indo. Reconhi às celebridades do cinema, lá das latitudes de cima. Nada de gente no meu entorno. Quero estar bem longe desse povinho cheio de “mi-mi-mi”, que, por qualquer coisinha, já quer ir aos tribunais e detonar quem supostamente tenha lhe trazido algum desconforto com o que se tenha dito. Reforçando o que já disse linhas atrás, quero estar bem distante dessa tropa de mal-amados, que, em vez de envelhecer com ternura, vão azedando. Feito o desabafo, aos pares em questão.

Para mim, a mais bela mulher que frequentou a telona foi a sueca Greta Garbo (1905–1980); nunca se casou e, portanto, escapou de se encargar com algum espécime da confraria dos desprovidos de beleza. Lembrei-me dela porque, ao meu entender, no segundo lugar desse pódio, fica, com louvor, Ava Gardner (1922–1990). Esta aí, sim, bela que só vendo, e, entre seus três casamentos, o primeiro foi com um tiquinho de gente e feio de dar dó, um tal de Mickey Rooney (1920–2014), que media modestos 1,57 m, 10 cm a menos do que ela. Como amor se faz, via de regra, na horizontal, eles deviam dar um jeitinho de consumir o ato. Passaram juntos coisa de dois anos. Fico cá com meus botões, num cipocal de conjecturas, tentando entender como um “*airbus*” da qualidade de Ava Garner pousou suas turbinas no mesmo aeroporto de um teco-teco quase sem autonomia de voo. Não sei quem disse certa vez que ela era o mais belo animal do mundo. Concorro e assino embaixo. Já o baixinho sortudo...

Agora a loira estonteante de olhos claros Lauren Bacall (1924–2014). Linda de morrer, casou e era apaixonadíssima por Hunphrey Bogart (1899–1955). Este, um ator da melhor cepa; dizem ainda que era um cabra charmoso, envolvente, mas, cá entre nós, deixava muito a desejar no quesito beleza.

Vamos à italiana Sophia Loren (1934). Eita, mulher danada de bonita! Casou com o gorducho e baixinho, produtor de cinema, Carlo Ponti (1912–2007), que precisava não vacilar com os calcanhares para registrar os seus 1,65 m enquanto nossa bimbina tinha 9 cm a mais que esse feioso com o qual ela viveu maritalmente intermináveis (assim, penso eu) 41 anos. Pode uma coisa dessas?

Nada como uma passadinha pelo principado de Mônaco. A vez é de Grace Kelly (1929–1982), aquela que eu colocaria no pódio para completar a tríade das três mais belas. Ficou casada com o príncipe Rainier III (1923–2005) de 1956 a 1982. Ela linda, linda, e ele... não era essas coisas esteticamente. Mas era nobre e rico de não dar conta o quanto. Deve ter valido a pena.

Continuando nos cenários das nobrezas, mas atualizando a fofoca para os dias de hoje, chegamos à protagonista de *O Diário da Princesa*, Anne Hathaway, que escolheu para dividir os lençóis uma criatura que me lembra o Visconde de Sabugosa do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, uma figura insossa, um tal de Adam Shulman. Pensem numa criatura sem graça.

Já a mexicana naturalizada norte-americana Salma Hayek é dona de uma beleza latina bem característica. É de bom alvitre lembrarmos que deixaram-na com seus encantos comprometidos para que ela protagonizasse *Frida*, fita que conta a vida daquela pintora mexicana (Frida Kahlo, 1907–1954) muito doida e que foi amante de Leon Trotski (1879–1940). Pois essa danada se casou com François-Henri Pinault (estou falando de Salma e não de Frida), um gigante no mundo dos negócios, ainda que feiozão; sua fortuna de 50,1 bilhões de dólares faz dele um deus grego. Essa abastança esconde qualquer feiura.

Acho que dá para paramos por aqui. Não sou afeito a fuxicos, e a prudência recomenda que eu encerre com essas maledicências. Mas estariam alguns propensos a me perguntar: essas garatujas acima não seriam frutos de uma inveja desmedida que eu porventura teria desses homenzinhos mal-acabados que se casaram com mulheres bonitas? Não posso afirmar que sim, mas, se a premissa for verdadeira, eu teria inveja, sim. E sabem de quem? Daquele anão troncho e desalinhado, o Mickey Rooney. Ah, Ava Gardner, quem me dera...